IMESC

GOVERNO DO MARANHÃO
Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos

www.imesc.ma.gov.br

JULHO - AGOSTO

Síntese de Conjuntura Econômica Maranhense

Por Felipe de Holanda, Erivam Junior, Renan Lessa

CENÁRIO INTERNACIONAL

Sinalizando maior intervencionismo, guerra comercial beneficia participação de *commodities* brasileiras no comércio internacional, mas pode frear crescimento mundial.

• A candidatura de Trump se alicerçou na promessa de trazer empregos industriais de volta aos EUA e reduzir seu *déficit* comercial. Ampliou-se as tarifas sobre importações chinesas, da UE e NAFTA, que retaliaram em mesmo nível e ameaçaram desviar importações de soja para o Brasil e Argentina. Perdas no campo devem ser cobertas pelo tesouro, enquanto estados estratégicos às eleições legislativas aprovam o protecionismo, indicando sua provável manutenção, apesar de um ensaio de reaproximação de Trump com a UE. Risco para o mundo, oportunidade para o Maranhão, dado potencial aumento na demanda por *commodities* brasileiras. Cresce o incentivo a acordo UE-Mercosul, onde o Maranhão, pela proximidade geográfica e pauta exportadora, pode se favorecer, caso posicione bem seus interesses.

• Buscando votos nas eleições legislativas, Trump tenta frear o preço do petróleo, negociando aumento da produção saudita, porém a OPEP mira US$75/barril. Forte efeito sobre países não dolarizados, dado que, excepcionalmente, a apreciação veio acompanhada de valorização no dólar. Possível efeito inflacionário no Brasil e aumento de arrecadação de ICMS no Maranhão.

• Inflação e pleno emprego nos EUA geram expectativas de aumento nos juros do FED e apreciação do Dólar. A UE assevera subir juros em dezembro, apreciando o Euro e reduzindo a liquidez mundial. Yuan, artificialmente atrelado ao Dólar, deve ficar na casa dos US$0,15 até o fim do ano. Real volátil à mercê das eleições, com depreciação associada a candidatos de esquerda. Recomenda-se liquidação e dívidas em dólar para reduzir risco cambial.

• Discurso de Xi Jinping marca fim da doutrina de "ascensão pacífica" da China, expondo-se intento de reformular sistema de governança global. O país deverá liberar apreciação do Yuan, mirando emplacá-lo como nova moeda global. Antes precisará liquidar seus US$1,18tri em títulos americanos – já US$120bi abaixo de 2013. Vital será também caminhar para uma economia voltada ao mercado interno e asiático, menos sensível à depreciação do Dólar. Esta transição já dá fortes sinais, com um *superávit* comercial caindo de 10% para 1% do PIB em 10 anos, além do histórico primeiro *déficit* corrente desde 2001. Investimento direto chinês refletirá seu expansionismo, devendo ser recebido com cautela pelo Maranhão.

CENÁRIO NACIONAL

A greve dos caminhoneiros ainda mostra seus efeitos na economia brasileira, somada à redução da liquidez mundial e às eleições presidenciais brasileiras.

Maior importadora da indústria automotiva brasileira, a Argentina sofre com crise, inflação e deterioração da moeda, resfriando a demanda de um dos setores que mais emprega formalmente no país.

CENÁRIO ESTADUAL

Apesar do Comércio ainda não mostrar retomada no Estado, as atividades relacionadas ao complexo sucroalcooleiro aparecem como principais geradoras pela criação de empregos formais no Maranhão.

• Em maio, o comércio varejista ampliado maranhense apresentou recuo de 0,5% em relação a abril, influenciado pela queda nas vendas de carros novos (-11,6%). A retomada do setor varejista maranhense ainda depende da recuperação do mercado de trabalho, das condições de acesso ao crédito e da confiança das famílias.

• Dentre as UFs do Nordeste, o Maranhão, em jun/18, foi o Estado com o maior registro de empregos formais (+2,8 mil), enquanto que na comparação com os demais Estados do País, ocupou a terceira colocação. No acumulado do ano, foram gerados liquidamente 6,9 mil empregos com carteira (+1,6%) sinalizando que o Maranhão cresce mais do que o País (1%) nesse indicador e segue na contramão da região Nordeste (-0,3%).

• Em jun/18, os resultados mais expressivos da geração de emprego formal ocorreram em dois setores: Indústria de Transformação (+2,9 mil), especialmente nas atividades Fabricação de Açúcar em Bruto (+1,2 mil) e Fabricação de Álcool (+984); e na Agropecuária (+765), com maior concentração no Cultivo de Cana-de-Açúcar (+548), especialmente nos municípios Campestre do Maranhão, Coelho Neto e Aldeias Altas.

> **"O MARANHÃO CRESCE MAIS DO QUE O PAÍS (1%), E SEGUE NA CONTRAMÃO DO NORDESTE (-0,3%)"**

Síntese de Conjuntura Econômica Maranhense

Por Felipe de Holanda, Erivam Junior, Renan Lessa

GOVERNO DO MARANHÃO
Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos

• A produção industrial em maio encerrou com queda de 10,9% (IBGE) em função dos onze dias de greve dos caminhoneiros, puxada pela queda do setor de veículos, tendo as indústrias extrativa e de produtos do petróleo, se contraposto, dado à baixa dependência destes do transporte rodoviário. Nos últimos, as exportações vêm ganhando participação no setor automotivo brasileiro e na lenta retomada da indústria, mas esta tendência deverá reverter, devido à crise na Argentina, desencadeada pela redução da liquidez internacional. As exportações para o país vizinho representam 70% dos embarques nacionais, podendo acarretar, desta forma, diminuição da participação da indústria no PIB e nas exportações.

• O resultado do IBC-Br de maio ante a abril (-3,34%) reflete queda na atividade econômica do país, principalmente, na indústria (-10,9%), varejo ampliado (-4,9%) e serviços (-3,8%). No varejo ampliado, a queda reflete recuo na venda de veículos. No setor de serviços, o segmento de transportes (-9,5%) apresentou o maior impacto sobre o setor, principalmente no que diz respeito aos transportes terrestres (-15%) e armazenagem (-6,8%).

• Descontados os efeitos da greve dos caminhoneiros, amplia-se a percepção de que a estagnação econômica se instalou no Brasil e de que a estratégia ortodoxa de estabilização fracassou. Na paisagem humana das grandes cidades brasileiras, há presença cada vez maior de pessoas sem teto e mendigando por comida. Com as amarras do Teto de Gastos, oriunda da PEC 95, e com o forte colapso nas receitas fiscais oriundo da recessão, deve continuar a compressão nos gastos sociais, com efeitos devastadores sobre os mais pobres.

Maranhão: Geração de emprego formal de 2016 a 2018*, segundo subsetores de atividade

Subsetores de Atividade	Anual		1º semestre		Variação Abs. (b-a)
	2016	2017	2016 (a)	2017 (b)	
Total	**-17.642**	**2.107**	**-3.046**	**6.975**	**10.021**
Extrativa Mineral	-97	-170	-129	-2	127
Ind. de Transformação	-2.363	-2.133	-734	2.125	2.859
SIUP[1]	-360	72	93	390	297
Construção Civil	-12.181	852	-1.154	-1.750	-596
Comércio	-2.254	-721	-3.532	-1.146	2.386
Serviços	-360	4.258	1.496	5.981	4.485
Administração Pública	211	62	68	-51	-119
Agropecuária	-238	-113	846	1.428	582

Fonte: MTE *Acumulado de janeiro a junho, com ajustes até maio. [1]S.I.U.P - Serviços Industriais de Utilidade Pública

Maranhão: Desempenho das Receitas - Valores Reais - 2017 - 2018

Descrição	Jan-Mai		Maio		Cresc. (%)	
	2017	2018	2017	2018	18/17	mai 18/mai17
TOTAL GERAL	**6.991,8**	**7.678,7**	**1.552,4**	**1.622,7**	**9,8**	**4,5**
Receitas Correntes	**7.549,8**	**7.815,1**	**1.617,7**	**1.609,3**	**3,5**	**-0,5**
Receita Tributária	3.187,7	3.116,3	732,5	579,7	-2,2	-20,9
ICMS	2.517,1	2.475,8	586,8	463,2	-1,6	-21,1
Transferências Corr.	3.763,2	3.904,7	763,9	836,6	3,8	9,5
FPE	2.795,0	2.926,4	592,3	628,8	4,7	6,2
Intra-orçam.	**265,7**	**376,2**	**70,1**	**155,7**	**41,6**	**122,1**
Receita de Capital	**137,7**	**470,9**	**75,7**	**56,7**	**242,0**	**-25,1**
Operações de Crédito	117,2	402,6	73,7	9,5	243,5	-87,1
Deduções da Receita	**-961,3**	**-983,6**	**-211,1**	**-199,1**	**2,3**	**-5,7**

Fonte: Seplan MA

Maranhão: Desempenho das Despesas - Valores Reais - 2017 - 2018

Descrição	Jan-Mai		Maio		Cresc. (%)	
	2017	2018	2017	2018	18/17	maio 18/ maio17
TOTAL GERAL	**6.991,8**	**7.678,7**	**1.552,4**	**1.622,7**	**9,8**	**4,5**
Receitas Correntes	**7.549,8**	**7.815,1**	**1.617,7**	**1.609,3**	**3,5**	**-0,5**
Receita Tributária	2.921,3	3.021,8	594,3	573,4	3,4	-3,5
ICMS	2.366,2	2.445,1	492,3	477,2	3,3	-3,1
Transferências Corr.	3.763,2	3.904,7	763,9	836,6	3,8	9,5
FPE	2.795,0	2.926,4	592,3	628,8	4,7	6,2
Intra-orçam.	**265,7**	**376,2**	**70,1**	**155,7**	**41,6**	**122,1**
Receita de Capital	**137,7**	**470,9**	**75,7**	**56,7**	**242,0**	**-25,1**
Operações de Crédito	117,2	402,6	73,7	9,5	243,5	-87,1
Deduções da Receita	**-961,3**	**-983,6**	**-211,1**	**-199,1**	**2,3**	**-5,7**

Fonte: Seplan MA

CENÁRIO ESTADUAL

• Observa-se o efeito da conclusão de obras sobre a construção civil, com destaque para Obras de Construção de Edifícios (-948) e de Infra-estrutura (-860), especialmente na atividade Construção de Rodovias e Ferrovias (-648), concentrados nos municípios de Bacabeira, São José de Ribamar e Vila Nova dos Martírios.

• A Arrecadação Total do Maranhão, no acumulado até maio de 2018 atingiu R$ 7,6 bi (+9,8% em termos reais sobre o mesmo período do ano anterior). Após fechar 2017 em queda, as Receitas Correntes registraram expansão real de 3,5% no comparativo entre o acumulado do ano até maio (+R$ 265,3 mi).

• Em 2018, as Operações de Crédito somam R$ 402,6 mi, sendo que a maior parte desse montante corresponde a aportes internos (BB/BNDES, R$ 344,2 mi), além da contratação de R$ 58,2 mi junto à CEF em fev/18. Tais recursos são destinados à continuação das obras de revitalização de rodovias, construção e reformas de escolas, contribuindo para a recuperação do setor da Construção Civil no Estado.

• No acumulado de 2018, a rubrica Outras Despesas Correntes totalizou R$ 3,08 bi, tendo o crescimento real de 13,7% sido determinante sobre o conjunto corrente total, como decorrência da maturação de investimentos realizados desde 2015, nos setores de infra-estrutura, educação, saúde, segurança e assistência social.

• As medidas fiscais tomadas pelo governo federal, dada a greve dos caminhoneiros, cujo impacto sobre os cofres do Estado é estimado em R$108 mi, de acordo com o CONFAZ, contribuem para a ampliação das restrições fiscais.

• Observa-se, em 2018, uma melhora na composição das despesas, com ampliação dos investimentos e redução do serviço da dívida. Mas, tanto a desvalorização do Real (afetando o custo da dívida externa), como a contração do gasto federal no Estado, colocam como desafio o acesso a financiamentos capazes de sustentar no futuro este alto volume de investimentos.